

Sintetizando, as ferramentas de que dispõem os educadores ambientais e quaisquer outros profissionais dedicados a esta causa são, antes de tudo, eles mesmos. Com sua bagagem de experiências, valores e representações, seu filtro de mundo. À luz do que discutimos aqui, se quisermos fortalecer a atuação destes sujeitos, é preciso investir em mais do que informação. É primordial aproveitar o rico campo de problematização moral constituído pelo meio ambiente e, conjugadamente à análise dos meios de experiência moral, criar situações de oferecimento de narrativas e de amadurecimento dos procedimentos da consciência moral. Para quem atua na área, isto significa irremediavelmente dedicar-se a desenvolver uma visão integrada da vida e seus fenômenos e, sobretudo, mergulhar num processo constante e contínuo de autoconhecimento e auto-superação. Eis o pré-requisito para a qualificação do trabalho.

Atingir a grande massa não é tarefa para ser feita de um dia para outro. Em processos de expansão é comum perder-se qualidade e profundidade, a exemplo da brincadeira do telefone-sem-fio. Portanto, se as bases do núcleo de expansão (a visão complexa e os procedimentos da consciência moral) não estiverem fortalecidas, o “recado dado” tenderá à distorção. Estrategicamente, mais relevante que levar a educação ambiental à casa dos milhões de pessoas, num primeiro momento importa que ela seja bem trabalhada com setores-chave, a partir dos quais a disseminação da EA se torne inevitável: professores, mídia, ONGs, universidades, sindicatos, dirigentes de unidades de conservação e de órgãos públicos ligados à educação e ao ambiente, empresários.

O pioneirismo destas ações está à espera de um posicionamento também pioneiro, que o embasa – o de tornar-se um autopesquisador.

E você, já começou a desenvolver a visão complexa? Candidatou-se a descobridor de seu universo interior?